

**OS LIMITES DA CIVILIZAÇÃO NA ESCRITA DO SERTÃO;
UM ESTUDO DAS CATEGORIAS CIVILIZAÇÃO E
BARBÁRIE EM ALGUNS ROMANCES BRASILEIROS ***

Anita Martins Rodrigues de MORAES

RESUMO *Em nossa produção literária de caráter regionalista, em particular naquela que se dedica à “violência rural”, a dicotomia civilização e barbárie acode escritor e leitor na ordenação do inventado encontro entre o universo urbano e o rural, entre a cidade, com suas práticas em que se insere a escrita e a leitura, e o campo, em que rege o “estado de violência”. A presente dissertação consiste no estudo de alguns romances brasileiros sobre a “violência rural”, norteado pelas categorias civilização e barbárie, importando sugerir como essas categorias são definidas e operadas nos romances. Dedicando o primeiro capítulo aos romances O índio Affonso (1873), de Bernardo Guimarães, e O Cabeleira (1876), de Franklin Távora, pretendemos introduzir o leitor às categorias civilização e barbárie, discorrendo um pouco sobre suas origens e atualizações oitocentistas. Nosso interesse consiste, então, em convergir discursos a fim de preencher, de dotar de sentido(s) as categorias civilização e barbárie. No segundo capítulo, dedicamo-nos à produção ficcional de José Lins do Rego sobre o cangaço – Pedra Bonita (1937), Cangaceiros (1953) – tentando sugerir em que reincide atitudes próprias dos romances românticos e em que arrisca outra maneira de dizer o sertão. Nessa empresa, arriscamos algumas aproximações entre Os sertões, de Euclides da Cunha, e os romances de Rego, como também entre Rego e autores modernistas que trataram do problema da violência rural (Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda). Importa sugerir, aqui, a partir da abordagem das categorias civilização e barbárie em diferentes obras, o debate que estabelecem, norteadas por essas categorias, com relação aos males do nordeste, ao cangaço, à relação entre sertão/engenho, sertão/litoral, Brasil/Europa. No terceiro capítulo, reunimos algumas anotações sobre Grande sertão: veredas (1956), de Guimarães Rosa, e Cangaceiros. Nesse capítulo, dedicamo-nos de*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria e História Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 23 de maio de 2002, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Suzi Frankl Sperber.

maneira especial às estratégias narrativas desses romances, tentando sugerir suas diferenças e seu funcionamento. Como nos capítulos anteriores, mantemos o foco nas categorias civilização e barbárie, mas incorporamos, por adentrar o sertão rosiano, a problemática do mal.

ABSTRACT *In our literary production of regional character, particularly in those dedicated to “rural violence”, the dichotomy between civilisation and barbarism assist the writer and the reader in the organisation of the invented encounter between urban and rural universes, between the city, with its practices that encompass writing and reading, and the countryside, where the “state of violence” reigns. This dissertation focuses on the study of some Brazilian novels about the “rural violence”, having the categories of civilisation and barbarism as orienting tools. It is thus important to suggest the ways in which these categories are defined and how they operate in the novels. In dedicating the first chapter to the study of the novel O Índio Afonso, by Bernardo Guimarães, and O Cabeleira (1876), by Franklin Távora, I intend to introduce the reader to the categories civilisation and barbarism, briefly discoursing about their origins and relating them to the 19th century. I then try to converge discourses intending to ascribe meaning to the categories civilisation and barbarism. The second chapter focuses on the fictional production of José Lins do Rego about the banditry – Pedra Bonita (1937), Cangaceiros (1953) – trying to suggest the extent to which these novels repeat attitudes from the romantic novels and to what extent the author ventures himself into finding another way to approach the backwoods. At this moment I risk approximations between Os Sertões (?), by Euclides da Cunha, and Rego’s novels, as well as between Rego and authors who approach the problem of “rural violence” (Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda). I then go forth to suggest, based on the categories civilisation and barbarism present in the different novels, the debate established by these categories in relation to the “evils of the Northeast”, the banditry, the relationship between backwoods/sugar mill, backwoods/coastline, Brazil/Europe. In the third chapter, some notes about O Grande Sertão: veredas (1956), by Guimarães Rosa, and Cangaceiros are put together. This last chapter is specially dedicated to the narrative strategies used in these novels, trying to suggest their differences and functioning. As in the previous chapters, the categories civilisation and barbarism base the debate, even though it is also introduced the problematic of the evil due to the incursion into the universe of Rosa’s backwoods.*

Apresentamos, aqui, um resumo da pesquisa que desenvolvemos sobre alguns romances brasileiros que tratam do sertão e seus homens d’armas, consistindo, essa pesquisa, no estudo da operação das categorias civilização e barbárie nesses

romances. Este texto tem a cadência de um relato. Pareceu-nos, ao prepará-lo, que se tornaria mais claro se sugerisse um processo, um percurso.

Lendo alguns romances – seguindo sugestões de Antonio Candido, o roteiro de leitura sugerido por ele em seu artigo “Jagunços mineiros: de Cláudio a Guimarães Rosa” – pareceu-nos que inevitavelmente estavam envolvidas, nesses romances sobre a violência rural, as categorias civilização e barbárie – de maneira explícita ou não; de maneira a serem afirmadas ou não – tornando-se produtivo o estudo dessas categorias, aliado ao estudo dos romances. Havia, então, bastante interesse em desenvolver leituras mais atentas, mais demoradas, sobre teoria literária, em especial sobre teoria do romance. Desta maneira, definimos como momento decisivo da pesquisa a análise literária dos romances *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, e *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego, mantendo como objetivo central o estudo das categorias civilização e barbárie.

Percebemos, então, que nos romances românticos – referimo-nos a *O índio Affonso* (1873), de Bernardo Guimarães, e *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora – as noções de civilização e barbárie ganhavam destaque, definiam-se explicitamente – a todo o momento o narrador se punha a traçar os limites entre os mais e menos humanos, entre os civilizados e os bárbaros. As palavras civilização e barbárie eram recorrentes na fala do narrador. Já em *Grande sertão: veredas* e *Cangaceiros*, essas palavras não apareciam, em momento algum eram usadas, mas as categorias estavam ali. O narrador-escritor romântico desaparecera, as estratégias narrativas eram outras, exigindo o exílio das palavras civilização e barbárie e revelando novas atualizações dessas categorias. Pensamos que seria interessante nos dedicarmos ao estudo dos romances românticos a fim de sistematizar, convergir discursos, tentando sugerir em que consistiriam as categorias civilização e barbárie em sua “plenitude”, para, então, sugerir, no estudo de *Cangaceiros* e *Grande sertão: veredas*, suas reincidências, revisões e mesmo uma possível crise. Foi este o movimento escolhido para a escrita da dissertação.

A escolha desses romances, aos quais se soma *Pedra Bonita*, do qual *Cangaceiros* é continuação, decorria da leitura de outro texto de Candido, “Literatura e subdesenvolvimento”, em que o estudioso definia algumas atitudes fundamentais da nossa literatura regionalista, atitudes distribuídas no tempo, nos períodos da “consciência de país novo” e da “consciência de subdesenvolvimento”. Os romances *O índio Affonso* e *O Cabeleira* pareceram-nos emblemáticos de atitudes próprias do primeiro período; *Cangaceiros* e *Grande sertão: veredas*, do segundo. Entre esses períodos, Candido destacava, como elementos de radical mudança, os estudos de Sérgio Buarque de Holanda, seu *Raízes do Brasil*, e de Gilberto Freyre, seu *Casa Grande e Senzala*. Estes estudos esboçavam, segundo Candido, nova atitude da intelectualidade brasileira, atitude mais crítica e menos ancorada em modelos europeus. Neste momento da pesquisa, pareceu-nos que o estudo dessas duas obras seria fundamental para o estudo dos romances do período

da “consciência do subdesenvolvimento” – alguns resultados dessas leituras e reflexões estão no segundo capítulo de nossa dissertação.

No mesmo texto, Candido sugeria a excepcionalidade do romance de Rosa, classificava-o de super-regionalista. Instigadas, buscamos definir melhor em que a narrativa rosiana diferia das narrativas características do período de “consciência do subdesenvolvimento”, quais suas estratégias. Tínhamos a impressão de que a obra de Guimarães Rosa, tanto na maneira como operava as categorias civilização e barbárie como em seus recursos e estratégias narrativos (estando uma coisa intimamente ligada à outra), era bastante singular e tinha bases diversas das do romance de José Lins do Rego. Enquanto para a leitura desse escritor, os estudos de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre eram elucidativos; para a leitura de Rosa, pareciam não ajudar muito. A leitura de Ricoeur, acompanhada da de Adorno e Horckheimer – *Dialética do esclarecimento* – fez-nos pensar que, em *Grande sertão: veredas*, as noções de civilização e barbárie estavam em consonância com algumas proposições desses filósofos frankfurtianos, e que sua narrativa era multívoca e simbólica, no que estávamos nós seguindo proposições de Ricoeur. Parecia-nos que a obra de Rosa produzia uma reflexão sobre o mal – problemática tão ligada às noções de civilização e barbárie – reflexão que se tornava possível a partir de seu trabalho singular com a linguagem. A sugestão de Ricoeur, em seus estudos sobre a obra de Proust, de que a narrativa é discurso próprio para dizer o tempo – tema que escapa ao discurso propriamente filosófico, constituindo-se mesmo em uma aporia – levou-nos a considerar que a narrativa rosiana, em sua estratégia de contornar, dar voltas, exigir o mesmo movimento do leitor, avançava no dizer o mal – outra aporia.

Ao nos propormos a abordagem de *Grande sertão: veredas*, outro arcabouço teórico fazia-se necessário: *Grande sertão* fratura a dicotomia civilização e barbárie na medida da incorporação de uma dimensão ética em sua narrativa – dimensão estranha aos romances que viemos tratando. Esta dimensão ética no texto rosiano fazia com que as categorias civilização e barbárie gravitassem em torno de uma questão própria de investigações ético-filosóficas (apesar de bastante evitada, dado seu caráter aporético): a problemática do mal. Nesse sentido, a prescrição de um dever-ser pessoal, a polidez, e de um dever-ser histórico, o progresso, prescrições ancoradas na dicotomia civilização e barbárie (em que o mal tem o rosto do “outro” e rege em regiões apartadas da civilização), davam lugar à discussão do que seja o “mal” e de quais as “más” ações.

Falemos um pouco mais de perto dos romances estudados, começando pelos românticos.

Em *O índio Affonso* e *O Cabeleira*, percebe-se clara oposição litoral/sertão, sendo que esta oposição aparece como análoga à oposição civilização/barbárie. A estas dicotomias associam-se outras, como: urbano/rural; polido/rústico; moderno/arcaico; homem/fera; racional/irracional; riqueza/pobreza; poder público/

poder pessoal. Em *O índio Affonso*, notávamos aparente inversão, a valorização do homem “não polido”, forte, bruto e bom; aparente, posto que cede à valorização dos atributos do homem civilizado – nos elogios aos modos polidos do herói – e na afirmação da necessidade de que práticas urbanas acudam o homem do sertão (polícia, em especial). Frente ao problema da violência – cujas causas seriam a falta de riqueza, a ignorância, a vida na selva, a proximidade das feras – esboça-se, como solução, que a cidade desaloje o sertão.

Nesses romances (*O índio Affonso* e *O Cabeleira*), o narrador se reveste da figura do escritor e pretende ser o discurso confiável dos romances – a “verdade”, única, consiste no que afirma o narrador. O monologismo, a sobreposição do narrador, caracteriza-os, o que se percebe no caráter espaçoso do narrador, sempre se adiantando ao leitor e às personagens na prescrição do “dever ser”, em seus julgamentos.

Na sugestão da expansão das práticas urbanas ao sertão, delinea-se um projeto de nação que consiste em explorar os recursos naturais, tão fartos, desenvolvendo-se a agricultura em larga escala e a indústria em todos os recantos do país – o modelo a ser seguido é o europeu, em sua atualização norte-americana. O progresso da civilização confunde-se com a implantação de indústrias, ferrovias, estradas, com a efervescência do comércio... A civilização consistiria em “amansar” a terra e também em “amansar” os homens, daí a necessidade premente de escolas, escolas em todo o canto do país. Deve-se salvar da ignorância em que se encontram aqueles que habitam em regiões distantes das cidades do litoral.

As matas, que acobertam crimes e criminosos, deveriam ser postas abaixo.

Passemos agora aos romances *Pedra Bonita* (1937) e *Cangaceiros*, de José Lins do Rego.

Em sua produção ficcional dedicada à temática sertaneja, José Lins do Rego enfatiza a necessidade de que instituições públicas não se “ruralizem”, para que se combata a violência no sertão. A impunidade seria o motor da violência. A uma ação vingativa, que faz a vez da justiça, sucede outra, em encadeamento infundável. O poder nas mãos dos grandes coronéis, de caráter pessoalista, obriga o pobre a conseguir proteção pois, senão, fica à mercê das barbaridades cometidas pelos policiais e soldados. O cangaço torna-se, muitas vezes, a única alternativa para que o sertanejo recupere sua honra ou para que escape das injustiças que lhe esperam se preso – a maior parte das vezes por briga de rapazes que acaba mal, ou por reação agressiva a provocações dos próprios praças. A inexistência do público, de uma esfera pública, parece ser a mais forte causa da violência: as instituições se desvirtuam, passam a servir aos poderosos da terra, não protegendo o sertanejo mas sim tornando-se mais um fardo.

A apatia, o desleixo com a propriedade, com a casa, a falta de perspectiva de crescimento, o abandono, caracterizam a vida do sertanejo. “Ali no Açu a vida era miúda como a gente. Nunca crescera, nunca tivera fausto.” (*Pedra Bonita*, p.21)

Como complemento da caracterização negativa do sertão, podem ser inferidos os valores da urbanidade: crescimento, transformação, efervescência, progresso, instituições públicas, escolas...

Se reincide, em vários aspectos, o modelo romântico – que pode ser resumido pela oposição cidade/sertão como análoga à civilização/barbárie – a estratégia narrativa dos romances de Rego é completamente diversa. O narrador-escritor desaparecera; o narrador, ao contrário do narrador romântico, é maximamente discreto, procura apagar-se, empresta voz e o olhar às personagens. A fortuna crítica de Rego, nessa direção, aponta, de maneira recorrente, à polifonia de seus romances – em especial naqueles em que o narrador está em terceira pessoa. No entanto, parece-nos que as várias vozes, nesses seus romances, não se compõem de maneira polifônica, com efeitos de realidade múltipla, em que a realidade torna-se elemento da consciência das personagens e não o contrário. Em nossa leitura do romance *Cangaceiros*, discernimos dois mecanismos de incorporação de vozes diversas na narrativa. Um desses mecanismos seria o de incorporação das falas e monólogos interiores das personagens das quais ficamos conhecendo a história e traços de personalidade; outro, de personagens que passam de passagem pela narrativa, que deixam seus relatos e somem.

Pensamos que, no primeiro caso, não podemos pensar em polifonia pois as vozes das personagens não se contrapõem, não dialogam, são falas fechadas, rígidas, repetitivas. O massacre do sertanejo, o tolhimento de sua condição de sujeito, impede o diálogo. Parece que a denúncia da brutalidade da sociedade nordestina passa pela construção de personagens reduzidas à passividade, degradadas, desvirtuadas de uma condição de sujeito. Não são conscientes das causas sócio-políticas que tornam suas vidas desgraçadas, sendo que estas causas são desveladas para o leitor no decorrer da narrativa. O leitor ocupa posição privilegiada, tem ponto de vista sobreposto ao das personagens e narrador. A heterogeneidade de vozes, em *Cangaceiros*, não resulta em superação dessa posição própria do monologismo, mas em sua reafirmação como posição do leitor. O romance não produz realidade múltipla, mas única – inacessível a personagens e narrador, mas acessível ao leitor. Este lugar é abandonado pelo narrador para ser reafirmado. Desta maneira, o recurso à representação das falas e pontos de vista das personagens, neste romance de Rego, não tem a ver com dialogismo, polifonia ou representação de consciências equípolentes, das quais não poderíamos saber mais que elas mesmas. Ao contrário, as personagens são engolfadas pela realidade forjada no jogo de suas próprias falas, tornando-se elementos inconscientes dessa realidade.

No segundo mecanismo sugerido, personagens, que passam de passagem pelo romance, deixam o testemunho de algum acontecimento atroz (ações dos cangaceiros ou das forças) e somem. Ficamos com relatos que passam a funcionar como “fatos” na medida em que se encontram soltos, não lembramos de quem os fala mas apenas de seus conteúdos, criando como efeito “acontecimentos que falam

por si”. Consideramos que esta estratégia narrativa, o uso desses mecanismos, pretende, justamente, um efeito de objetividade.

Em *Grande Sertão: Veredas*, o narrador-escritor também desaparecera. No entanto, a estratégia narrativa é bastante diversa da do romance de Rego. A posição sobreposta do leitor é abandonada, este não tem satisfeitos seus anseios de visada totalizante. O narrador, o ex-jagunço Riobaldo, às voltas com o demo, fala a um senhor doutor cuja fala não podemos ouvir. Sua encantadora narrativa não segue uma estrutura linear, cada pequeno momento ganha novo sentido na medida em que avançamos ou retornamos – pois ao leitor é exigida a volta, uma leitura em espiral. Não há uma sucessão de eventos com significado fechado ou a se fechar no final da narrativa, há vários níveis de significação que se produzem na relação. O texto arma-se de maneira multívoca, simbólica.

Um aspecto chamou-nos a atenção. Enquanto os outros romances que estudávamos apoiavam-se em dicotomias, o de Rosa parecia sugerir o caráter misturado do mundo, em que os “pastos carecem de fechos”, em que “garapa azeda”. Parecia sugerir, como conhecimento, a relação, a revelação de semelhanças, e não a forja de fronteiras – nas quais alicerça-se a dicotomia civilização e barbárie. Parecia sugerir também o caráter bárbaro do projeto civilizador, desvelando mecanismos de atualização do mal na civilização. O romance *Cangaceiros* e o romance *Grande Sertão: Veredas*, ambos movidos por anseios emancipatórios, escolhiam estratégias de composição bastante diversas, na medida em que o problema da violência rural aparecia, no primeiro, o romance de Rego, como contornável e controlável, e, no de Rosa, como inerente aos mecanismos da civilização que pretendem o controle e o contorno. É como se o romance de Rosa se produzisse da suspeita de que a visada totalizante, encenada para o leitor de *Cangaceiros*, tivesse a ver com a violência mesma, desconfiando, portanto, de seu potencial de emancipação.

Diferente juízo com relação às categorias civilização e barbárie definia diferentes estratégias narrativas – a discussão sobre o que seria barbárie e civilização não estaria restrita à superfície dos textos, participaria da escolha de seus recursos narrativos. O narrador, que, nos romances *O índio Affonso* e *O Cabeleira*, se aproxima da figura do escritor, se produz da clara distinção entre o bárbaro e o civilizado, em que a este compete a fala. A posição do escritor, como destacado integrante da civilização, uma espécie de agente civilizador dado seu envolvimento com as letras, é sobreposta e marcada pelo caráter prescritivo. As soluções para a vida bárbara do sertanejo são definidas por este narrador-escritor.

Já em *Cangaceiros*, o interesse pelo fenômeno da violência rural, por adentrar a vida doméstica do sertanejo, por perceber como se organiza a vida familiar neste regime de violência, e, ainda, o interesse por denunciar o descaso com relação à privação em que vive o povo do sertão – especialmente a privação do direito à justiça – faz desaparecer o narrador sobreposto e prescritivo, com vistas a produzir

maior efeito de objetividade. Nos romances de Rego, o movimento civilizador seria antes o da denúncia da barbárie, o da descrição das relações de poder baseadas no pessoalismo, do que a prescrição do dever ser. É o leitor, em sua posição sobreposta, que deve formular as soluções para a vida do sertanejo (obviamente conduzido com sutileza e destreza por um narrador implícito). No romance de Rosa, a violência ou barbárie rural não pede soluções ao leitor, tampouco essas soluções são formuladas pelo narrador. O interesse pela fala do outro, o sertanejo Riobaldo, participa do interesse por outras racionalidades além da hegemônica – esclarecida – num movimento de dissolução da dicotomia civilização e barbárie – em que ‘racionalidade’ necessariamente participa da civilização em oposição à irracionalidade do bárbaro. A aposta na produtividade de uma forma de pensamento outra participa da encenação: fala o sertanejo, o ex-jagunço; cala-se o senhor doutor. O leitor, por sua vez, deve se conformar com a impossibilidade de compreensão total da narrativa, que se arma de maneira a produzir cada vez mais mistérios no esforço deste por desvelá-los.

Se, num primeiro momento, poderíamos supor que as categorias civilização e barbárie seriam tematizadas nos romances, numa leitura mais atenta podemos perceber que participam de algo anterior: a operação dessas categorias determina as diferentes estratégias narrativas na medida em que diferente juízo com relação ao que seja civilização e ao que seja barbárie (como também se estas categorias são afirmadas ou não) define diferentes funções a essas narrativas. A função de afirmar um modelo de barbárie (condenado ou enaltecido), para convencimento do leitor e afirmação de sua condição de civilizado (tanto do narrador-escritor como do leitor), determina uma relação sobreposta do narrador com relação a personagens e leitor (como ocorre n’*O Cabeleira* e n’*O índio Affonso*); na medida da função de “representar” determinada “realidade”, a sertaneja, de “denunciar” sua “barbárie” ao leitor urbano (portanto, “civilizado”) temos implicada uma relação sobreposta do leitor e dissimulação do narrador (o que se verifica nos romances de José Lins do Rego); na medida do interesse pela relação urbano/rural como de alteridade, portanto, não dicotômica, do interesse por instaurar um “jogo hermenêutico” – fictício e, ao mesmo tempo, produtivo – em que o leitor seja movido à auto-reflexão, a escolha por uma composição dialógica torna-se produtiva (como acontece em *Grande sertão: veredas*).

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor. (1985). *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; por Max Horkheimer e Theodor Adorno; Trad. Guido Antônio de Almeida.
- BAKHTÍN, Mikhail. (1981). *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, trad. P. Bezerra
- BOLLE, Willi. “Grande Sertão: Cidades”, in *Revista USP*, 24 (1994-95)

- _____. "O pacto no Grande Sertão – Esoterismo ou lei fundadora?", in Revista USP, 36 (1997-98)
- BUARQUE DE HOLLANDA, Sérgio. (1973). *Raízes do Brasil*. RJ: José Olímpio.
- CANDIDO, Antonio. (1960). "Literatura e Subdesenvolvimento", in *América Latina em sua Literatura*. Org. César Fernandez Moreno. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1995). "Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa", in *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades.
- _____. (1971). "O homem dos avessos", in *Tese e Antítese: ensaios*. São Paulo: Editora Nacional.
- _____. (1964). *Parceiros do Rio Bonito*. RJ: José Olympio.
- _____. (1992). *Brigada Ligeira e outros escritos*. SP: Edusp.
- _____. (2000). *Literatura e sociedade*. SP: T. A. Queiroz; Publifolha.
- COUTINHO, Eduardo. (1983). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; coletânea organizada por E. Coutinho.
- _____. (1991). *José Lins do Rego*. RJ: Civilização Brasileira; João Pessoa: FUNESC.
- CUNHA, Euclides da. (1979). *Os Sertões*. São Paulo: Abril Cultural.
- ELIAS, Norbert. (1994). *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2v.
- FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de. (1991). "A legitimação do popular no processo narrativo de Pedra Bonita e Cangaceiros". In: Coutinho, Eduardo e Castro, Ângela Bezerra de. *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; João Pessoa: Edições Funesc, (Col. Fortuna Crítica, 7).
- _____. *O ciclo do misticismo e do cangaço: ambigüidade e hierarquia em Lins do Rego*. GRAPHOS – Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPb. João Pessoa, julho de 1995, vol. I, n. 1, p. 23-38
- FINAZZI-AGRÓ, Ettore. (2001). *Um lugar do tamanho do mundo*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- FREYRE, Gilberto. (1987). *Casa-grande e senzala*. RJ: José Olympio.
- _____. (1980). *Gilberto Freyre; seleta*. RJ: José Olympio.
- _____. (1996). *Manifesto regionalista*. Recife: Editora Massangana.
- _____. (2000). *Sobrados e Mucambos*. RJ: Record.
- FREUD, Sigmund. (1997). *Mal-estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago; Trad. José Otávio de Aguiar Abreu.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. (1972). *As formas do falso*. SP: Editora Perspectiva.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. (1997). *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Imago.
- _____. (1999). "Após Auschwitz", in *As luzes da arte: homenagem aos cinquenta anos de publicação da Dialética do esclarecimento*. Organizadores: Rodrigo Duarte e Virgínia Figueiredo; Belo Horizonte.
- GÁRATE, Miriam. (2001). *Civilização e barbárie n'Os sertões*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP.
- GUIMARÃES, Bernardo. (s/d). *O índio Affonso*. Rio de Janeiro: Garnier.
- HANSEN, João Adolfo. (2000). *O ó: a ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra.

- LIMA, Luiz Costa. (2000). *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto; Petrobrás.
- _____. (1997). *Terra Ignota*. RJ: Civilização Brasileira.
- MEMMI, Albert. (1989). *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. RJ: Paz e Terra.
- MARTINS, José de Souza. (1997). *Fronteira; a degradação do outro nos confins do humano*. SP: Hucitec.
- NESTROVSKI, Arthur. (2000). *Catástrofe e representação*. SP: Escuta; Orgs. Arthur Nestrovski, Márcio Selligmann-Silva.
- PROENÇA, Cavalcanti. (1959). “Trilhas do grande sertão”, in *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- RAMOS, Graciliano. (1994a). *Viventes das Alagoas*. SP: Record.
- _____. (1994b). *Linhas tortas*. SP: Record.
- REGO, José Lins. (1973). *Cangaceiros*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- _____. (1972). *Pedra Bonita*. Rio de Janeiro: Editora Três.
- _____. (1956). *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- _____. (1956). *Meus verdes anos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- RICOEUR, Paul. (1960). *Finitude et culpabilité, la symbolique du mal*. Paris: Seuil.
- _____. (1969). *Le conflit des interprétations*. Paris: Seuil.
- _____. (1965). *De l'interprétation*. Paris: Seuil.
- _____. (1995). *Tempo e narrativa*. Campinas SP: Papyrus.
- _____. (1983). *Interpretação e ideologias; organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- _____. (1988). *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Campinas: Papyrus.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1978). *Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes*. SP: Abril Cultural; trad. Lourdes Santos Machado.
- ROSA, J. (1986). Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- ROSENFELD, Denis L. (1988). *Do mal: para introduzir em filosofia o conceito de mal*. Porto Alegre: L e PM editores.
- ROSENFELD, Kathrin Holtermayr. *Grande Sertão: Veredas – Roteiro de Leitura*. São Paulo: Ática. Coleção Princípios
- _____. (1993). *Os descaminhos do demo: tradição e ruptura em Grande sertão: veredas*. RJ: Imago; SP: EDUSP.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. (1996). *Facundo; civilização e barbárie no pampa argentino*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; trad. Aldyr Garcia Schlee.
- SCHWARZ, Roberto. (1965). “Grande Sertão e Dr. Faustus”, in *A Sereia e o Desconfiado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SPERBER, Suzi Frankl. (1976). *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades.

- _____. (1987). *Guimarães Rosa: Signo e Sentimento*. SP: Ática.
- _____. "A identidade literária brasileira: uma petição de princípios?" in *Revista Remate de Males*, nº 14: 153-159
- _____. (1996). "O narrador, o espelho e o centro em *Grande Sertão: Veredas*", in Gláuks – Revista de Letras e Artes – Universidade Federal de Viçosa. Dept. de Letras e Artes. Ano I, nº 1, Jul-Dez.
- STARLING, Heloísa. (1999). *Lembranças do Brasil*. RJ: Revan: UCAM, IUPERJ.
- STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras; trad. Maria Lúcia Machado
- TÁVORA, Franklin. (1973). *O Cabeleira*. Rio de Janeiro: Editora Três.
- WHITE, Hayden. (1994). *Trópicos do discurso*. SP: Edusp.